

# SHINMEIZAN 真命山

## MONTANHA DA VIDA VERDADEIRA

Foi em princípios de 1994 que li, numa revista alemã, um artigo que me impressionou vivamente: a história da génese e a importância simbólica de um centro de espiritualidade e diálogo inter-religioso que fora fundado no sul do Japão por um sacerdote católico italiano e um monge budista japonês. Eu estava no meio do meu curso filosófico-teológico e ainda não imaginava que viria, mais tarde, a trabalhar como missionário no mundo nipónico. Fui nomeado para aquele país em 1998 e, ao longo dos anos, desloquei-me algumas vezes ao referido centro, desde Osaka, tendo-se construído laços de amizade que prevalecem. Como é que nasceu este centro de oração, silêncio e diálogo? Farei a minha apresentação em três portais: «*Shinmeizan* – Centro de oração, silêncio e diálogo», «Diálogo inter-religioso» e «Quando todo o corpo é oração».

### 1. *Shinmeizan* – Centro de oração, silêncio e diálogo

O II Concílio do Vaticano (1962-1965) abriu muitas portas ao diálogo com as outras religiões, principalmente por meio da declaração *Nostra Aetate* (1965), um documento breve em extensão, mas muito significativo no seu conteúdo. A Federação das Conferências Episcopais da Ásia (FABC) tomou este assunto como uma das suas prioridades no que se refere à missão naquele continente. Na sua segunda Assembleia Geral, que teve lugar na Índia, em 1978, os bispos debruçaram-se sobre o tema «Oração: Vida da Igreja na Ásia», sugerindo que a Igreja no continente asiático, conhecida pelas suas atividades sociais e assistenciais, deveria dedicar-se à criação de centros de oração, pois este seria sem dúvida um dos mais fecundos métodos de aproximação a outras formas de espiritualidade e às grandes tradições religiosas da Ásia. O padre Franco Sottocornola, xaveriano italiano, que chegara ao Japão nesse mesmo ano, encarou tais indicações importantes para a sua decisão de se dedicar ao diálogo inter-religioso<sup>1</sup>.

O sonho começou a adquirir forma e consistência quando o padre Franco travou conhecimento, em 1985, com o venerável Furukawa Tairyu, chefe do templo budista *Seimeizan-Schweitzer*, situado na prefeitura de Kumamoto, no sul do Japão. Este mostrou-se disponível para um trabalho conjunto no sentido da criação de um Centro de Diálogo Inter-religioso e ambos avançaram rumo à implementação do projeto – na linha daquilo que tinha sido traçado, em 1978, pela FABC – tendo a sua inauguração acontecido a 23 de novembro de 1987.

#### 1.1 *Lugar de inculturação*

*Shinmeizan* procurou, desde a sua criação, encontrar um terreno e uma linguagem comuns ao património cultural japonês, começando pela própria arquitetura, que convida ao recolhimento e ao silêncio. Tal como refere o padre Franco, a vida e a espiritualidade de *Shinmeizan* são inspiradas em três valores tradicionais que constituem uma base sólida para o diálogo com aquilo que é mais íntimo e profundo: a natureza, o silêncio e a *via do chá*. A *natureza*, porque é o âmago da religião autóctone japonesa, o *Shinto*; o *silêncio*, cuja valorização é essencial na tradição budista, em especial no budismo *Zen*; *via do chá* (*sadō*), cuja espiritualidade representa o cume da cultura japonesa.

Convido-vos a que peregrinemos juntos.

#### a) *A espiritualidade da beleza natural*

No meu dia semanal de repouso, costumava deslocar-me a um lugar no cimo de um monte, onde se encontrava um santuário shintoísta no silêncio de uma densa floresta. Eu passava o portal vermelho

---

<sup>1</sup> Para esta parte histórica, baseio-me fundamentalmente numa conferência proferida pelo padre Franco Sottocornola em junho de 2021, *online*, intitulada «À escuta do diálogo: Escutar», a primeira de uma série de cinco conferências promovidas pelos ANIMAG (Animadores Missionários *Ad Gentes*) sob o tema genérico «À escuta do diálogo».

de entrada no recinto sagrado – o *torii* – e imediatamente todo o corpo me convidava à quietude e à introspeção, como se realmente tivesse deixado o mundo profano e tivesse entrado num mundo de transcendente confiança. No verão, só as cigarras quebravam o silêncio; no outono, os macacos espreguiçavam-se saltando de ramo em ramo. Eu sentava-me numa clareira repleta de vigorosas e gigantescas raízes e pensava nas minhas origens. Fechava os olhos e apurava o ouvido, distinguindo os numerosos sons que pareciam sussurros vindos das entranhas; abria os olhos e contava as cores que me rodeavam. Tudo emanava um aroma de simbiose estranha de plenitude. E eu sentia-me a enveredar por corredores de diálogo pré-religioso. As raízes sobre as quais me sentava eram rios de seiva que me encaminhavam em direção a um oceano de humanidade e de fraternidade universal. Uma beleza que me compungia e me deixava com sede de totalidade. Cruzava-me com muitos peregrinos que iam beber à natureza brisas que lhes definiam o semblante e lhes imprimiam alento para o *stress* quotidiano. Esta era a espiritualidade da beleza natural, uma beleza que se respira também em *Shinmeizan*.

#### b) *Silêncio é beleza e beleza é silêncio*

Foram duas semanas passadas no templo de budismo *Zen*, da escola *Sōtō*, com o monge e a sua família. Todas as manhãs, ele recitava os *Sutras* e eu escutava, calado, deixando-me embalar pela melodia. Quando eu rezava, era a sua vez de fazer silêncio. Diz o norte-americano de origem japonesa Makoto Fujimura, na sua estimulante obra *Silence and Beauty*<sup>2</sup>, que, no Japão, «silêncio é beleza e a beleza é silêncio»<sup>3</sup> e que talvez em nenhuma outra nação a palavra *silêncio* seja tão relevante como o é para a cultura nipónica. Isto é algo que se pode interiorizar observando um tradicional jardim de areia japonês ou saboreando a atmosfera de paz, de harmonia com o universo e de simplicidade refinada da cerimónia da Via do Chá, «toda ela impregnada de quatro conceitos que a definem: *wa* (harmonia), *kei* (respeito), *sei* (pureza interior e exterior) e *jaku* (tranquilidade). Tudo nos leva a calar, em recolhimento íntimo e denso, e à concentração na sobriedade de movimentos e de palavras»<sup>4</sup>. Os meus diálogos verbais com aquela família budista eram escassos, mas o nosso entendimento era sopro de transcendência prévio aos sons. O incenso e o som do gongo; a quietude. Simplesmente *estar*, em momento único e irrepetível.

#### c) *A Via do Chá (sadō)*

Descalcemos os sapatos e baixemo-nos para entrarmos na sala de chá, atravessando a porta baixa, denominada *nijiri-guchi*, deixando de fora as nossas defesas, as vaidades e a agressividade, pois o ambiente que nos espera é de paz, simplicidade e beleza. O anfitrião aguarda-nos para a cerimónia do chá do encontro, onde muitas relações são costuradas. *wabi-sabi* é uma expressão que significa a valorização do despojamento e da simplicidade<sup>5</sup>; ideal filosófico japonês e abordagem estética que se foca na aceitação da fugacidade e da imperfeição dos objetos e dos seres humanos, sempre em construção e renovação. A transitoriedade que se verifica na *sakura* (a flor de cerejeira), cujo auge de florescimento é muito breve. Este ideal filosófico de *wabi-sabi* desenvolveu-se no século XVI, no contexto do budismo *zen* e da Via do Chá (*sadō*), sendo aí introduzido pelo grande reformador Sen no Rikyu (1522-1591). A cultura do *sadō* é uma síntese com sete características peculiares: (1) arte assimétrica; (2) simplicidade; (3) austeridade; (4) naturalidade; (5) profundidade subtil; (6) liberdade incondicionada; (7) calma. Se não existem estes sete elementos, não se poderá denominar cultura do *sadō*<sup>6</sup>.

---

2 M. FUJIMURA, *Silence and Beauty: hidden faith born of suffering*, Forword by Philip Yancey, IVP Books, Downers Grove 2016.

3 M. FUJIMURA, *Silence and Beauty*, p. 212.

4 A. ASCENSO, *A mística do arado*, Paulinas, Prior Velho 2021, p. 96-97.

5 *Wabi* é a beleza que se encontra na pobreza e na simplicidade. É necessário valorizar a beleza da simplicidade para entrar no mundo do *haiku* (poema japonês, tradicionalmente constituído por 17 sílabas na forma de 5-7-5) e do *sadō*.

6 Cf. *Ibidem*, pp. 54-55. Ver, também, *Ibidem*, p. 62.

E vamos ao segundo portal.

## 2. Diálogo inter-religioso

Encontrava-me em Nova Dehli e tencionava visitar Dharamsala, noroeste da Índia, onde se encontra o Dalai Lama com o seu governo no exílio. Um equívoco lamentável encaminhou-me para o autocarro errado, no meio do amontoado de veículos que rosnavam vigorosamente, naquele frenesim que antecede a partida para viagens noturnas de longo percurso. As onze horas que deveria durar a minha viagem prolongaram-se por dezanove e o destino final deixou-me em Katra, lugar de peregrinação do Hinduísmo.

Estava exausto e tentava controlar a minha ira por me terem indicado um autocarro que me levara a um lugar perdido nas montanhas, bem longe da minha meta. Entrei num hotel, aluguei um quarto e respondi às perguntas curiosas, relativas à nacionalidade, à profissão e às razões pelas quais eu estava em Katra, pois ali raramente chegavam estrangeiros. O gerente do hotel, estupefacto em virtude da presença de um sacerdote católico missionário naquele lugar, para mais sabendo da notícia que tinha aparecido recentemente nos jornais sobre o assassinato de uma família de cristãos por hindus radicais num estado indiano não muito longe dali, prometeu averiguar sobre a melhor forma de eu chegar ao meu lugar de destino. A meio da noite chamou-me e apresentou-me a um seu amigo *sikh* que se deslocava, em automóvel particular, a Amritsar (centro do *sikhismo*, religião monoteísta fundada no século XV), para aí participar num casamento. Ele – e a sua família – poderia levar-me até Pathankot, onde eu teria transporte para Dharamsala. Partimos. Um casal e uma criança que acolhiam um estrangeiro desconhecido, numa conjugação de três religiões diferentes. E apeteceu-me dar graças por aquele abençoado engano que me tinha proporcionado um encontro tão intenso e que contradizia as ondas de incitação ao ódio por parte daqueles que usam a religião para propósitos egoístas e violentos.

### 2.1 Diálogo e Anúncio

O diálogo inter-religioso não é traição à evangelização nem pode significar um novo método de apelo à conversão; não é uma velada forma de proselitismo nem um estratagema sustentado pelo instinto de sobrevivência. É, sim, uma «arte de comunicação espiritual», onde têm papel cimeiro as características de *clareza, mansidão, confiança e prudência*, como referia Paulo VI, na sua encíclica *Ecclesiam Suam*, publicada em 1964. Sempre conscientes de que o Espírito Santo, na qualidade de «protagonista da missão», já está a trabalhar no coração dos parceiros do diálogo.

O documento *Diálogo e Anúncio* (publicado pelo Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso e pela Congregação para a Evangelização dos Povos, em 1991) apresenta a prática do diálogo inter-religioso dividida em quatro formas: «diálogo da vida», «diálogo das obras», «diálogo de intercâmbios teológicos» e «diálogo de experiência religiosa» (Cf. *DA*, 42).

### 2.2 Peregrinação e encontro

A estas quatro formas de diálogo apresentadas pelo documento *Diálogo e Anúncio*, eu acrescentaria uma outra forma: visita a lugares de peregrinação. Aí podemos ser bafejados pelo Espírito de modos não previstos e que nos deixam traços indeléveis, tal como o intenso sentimento de comunhão fraterna com aqueles que rezavam diante da imagem de Chenrezi, o Buda da Compaixão, Patrono do Tibete, no templo Jokhang, em Lhasa, ou com aqueles outros que se prostravam, dias a fio, em redor do complexo monástico ou da cidade, descrevendo, assim, com o seu corpo, um círculo ininterrupto; ou os hindus que peregrinam até à cidade de Varanasi, na margem do rio Ganges, para aí morrerem, de forma a que as suas cinzas sejam lançadas nas águas sagradas que tudo lavam e purificam. Quando visitamos tais lugares, cresce em nós um sentimento de comunhão fraterna, alicerçada no patamar que eu denomino esteira antropológica identitária.

O monge trapista norte-americano Thomas Merton, morto tragicamente em 1968, com apenas 53 anos de idade, considerava que o diálogo inter-religioso deveria exercitar-se em três frentes: diálogo existencial, experiencial e prático. Poderemos acrescentar que o diálogo existencial não é possível sem o experiencial, pois ambos estão patentes na nossa vida quotidiana, por meio dos contactos com pessoas de diferentes religiões. A terceira forma de diálogo, por seu lado, é aquela que não permanece no intercâmbio teórico, mas deve, sim, estimular a uma *práxis* comum em vista à construção de um mundo mais justo, mais pacífico e mais humano. Nunca podemos perder este horizonte do diálogo, pois é aí que o Espírito mais profundamente age, proporcionando o encontro límpido entre diferentes. Aquele poliedro colorido da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* «que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade» (EG 236).

E entro no terceiro pórtico, terminando em ambiente de silêncio, de serenidade e de paz. Os três pórticos não procuram ser mais do que antecâmaras, pois a viagem no que diz respeito ao encontro e à fraternidade terá de ser baseada numa experiência que seja motor propulsor que conduza a um diálogo entre pessoas concretas.

### 3. Quando todo o corpo é oração

A aurora começa a despontar; toda a natureza parece espreguiçar-se. O silêncio tem um sabor especial; é o *seijaku*, o silêncio filosófico relacionado com a liberdade de coração e solidão; a necessária atmosfera na sala preparada para a cerimónia do chá; ideal de beleza nas representações de «beleza da simplicidade». O vento sussurra segredos por entre as folhas das árvores. Faz frio. Entoamos a oração da manhã ao ritmo do alvorecer. O sol aparece, lentamente, do Oriente, por detrás das montanhas. No coração, os sons graves de uma solene sinfonia. Os salmos da oração da tarde serão recitados ao pôr-do-sol, virados para o Ocidente.

Regressamos, em silêncio, e entramos na capela de tipo *zen-dō* (templo onde os monges do budismo *zen* praticam *za-zen*), circundada pelo jardim de areia e pedrinhas. Ressoa o gongo. Celebramos a Eucaristia. Movimentos lentos, harmoniosos, profundos, significativos. Intensidade nas orações, beleza da simplicidade, pureza. O vazio e a sua plenitude. Um crucifixo, uma bela, pequena imagem da Virgem Maria; um *ike-bana* (arranjo floral japonês).

Terminada a celebração da Eucaristia, trinta minutos de *sa-mu* (trabalho de agricultura e limpeza que os monges fazem nos mosteiros *zen*). A limpeza do caminho e do jardim, o apanhar das folhas caídas como símbolo de purificação interior; a cada folha é dada atenção inteira. Terminado o *sa-mu*, conclui-se também o voto de silêncio, que já tinha começado na noite do dia anterior, depois da oração da noite à luz da lua cheia.

O ritmo de oração no centro intercultural e inter-religioso *Shinmeizan* («Montanha da Vida Verdadeira»), que se encontra em Kyushū, sul do Japão, é um exemplo prático de encontro, de inculturação e de diálogo: com a natureza, com a religião e com a cultura. O diálogo com as teologias asiáticas não é um caminho linear. Mas não serão precisamente as vias difíceis que nos estimulam à beleza e à simplicidade do encontro?

Adelino Ascenso

Braga – 26 de abril de 2024